

Estágios curriculares supervisionados em música: uma aventura incerta

Comunicação

Teresa Mateiro
Universidade do Estado de Santa Catarina
teresa.mateiro@udesc.br

Sandra Mara da Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina
sandra.cunha@udesc.br

Resumo: Este relato de experiência tem como objeto os estágios curriculares supervisionados que estão sendo desenvolvidos no curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O objetivo é o de lançar reflexões sobre estágios não presenciais, evidenciando as desafiantes condições humanas e pedagógicas colocadas pela pandemia, e os caminhos encontrados para dar prosseguimento à formação dos licenciandos. Os referenciais teóricos se encontram na área da Educação e, especificamente, na Formação Docente, em publicações e conferências que têm abordado a ação e a formação em tempos de incertezas, tais como esses que estamos vivendo. Visto que os estágios curriculares supervisionados estão em andamento, não apontamos resultados, mas a relevância de abrirmos espaço para discussões acerca da importância de trabalhos colaborativos como este que estamos desenvolvendo no trânsito entre universidade e escolas. Ainda que os estágios estejam sendo desenvolvidos de modo remoto, ressaltamos que esta é uma situação emergencial e frágil, porém necessária, por um lado, para manter a continuidade da formação docente e, por outro, para reafirmar o nosso compromisso com a escola pública. Esse compromisso é, acima de tudo, de natureza ética, porque a escola pública é direito fundamental das crianças e dos jovens brasileiros e, junto à universidade pública e gratuita, são espaços nos quais se aprende e se exercita a colaboração e a participação cidadã.

Palavras-chave: Formação docente. Escola. Aulas on-line.

Introdução

Quando pensamos em escola, muito provavelmente, nos vêm à mente suas configurações físicas e espaciais tais como a conhecemos desde pelo menos o século XIX, com salas de aulas e outros tantos espaços nos quais professores¹ e estudantes se encontram para trocar saberes e construir conhecimento. No ensino superior, em cursos de

¹ Optamos pelo termo no gênero masculino em razão de haver mais alunos do que alunas no curso de Licenciatura em Música na universidade em que atuamos.

Pedagogia e nas Licenciaturas, além desse ser um lugar no qual acontecem processos de ensinar e aprender, é também o espaço-tempo onde metodologias de ensino e abordagens pedagógicas são objeto de reflexões, bem como do desenvolvimento de pesquisas, construção e disseminação de conhecimento.

Com a pandemia provocada pelo vírus Covid-19, esses lugares de pensar e fazer educação tiveram que fechar suas portas e interromper as atividades presenciais. Depois de um período inicial de muitas incertezas, ao prepararmos a retomada das aulas, muito do que sabíamos e conhecíamos sobre o fazer escola teve que ser repensado pela impossibilidade de professores, estudantes e toda a equipe que compõe a universidade, de estarem juntos do modo como tinha sido até então.

É nesse novo quadro de distanciamento social, nunca antes vivido, que tivemos que repensar as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Música da UDESC. Fomos desafiadas enquanto professoras dessas disciplinas a sair em busca de novas proposições para as aulas, orientações e atuações em campo. É sobre essa temática que este artigo se constrói e seu objetivo é o de lançar reflexões sobre estágios não presenciais, evidenciando as desafiantes condições humanas e pedagógicas colocadas pela pandemia e os caminhos encontrados para dar prosseguimento à formação dos licenciandos.

Essas situações, apesar de novas, no sentido de os estágios não poderem ser desenvolvidos em um ambiente educativo onde as relações humanas são essenciais, atualizam o debate acerca de questões como uma que consideramos fundamental para a formação docente em música: que as escolhas músico-pedagógicas sejam feitas de modo contextualizado, relacionando o conhecimento musical com os sujeitos para os quais são planejadas as aulas. Pretendemos, no decorrer deste texto, responder às seguintes questões: Quais foram as limitações e possibilidades que encontramos nessa situação de excepcionalidade causada pela pandemia? Quais foram os caminhos que se desenharam nesse cenário e que nos permitiram seguir em frente no desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados?

Para descrever e discutir a temática proposta, buscamos referenciais teóricos na área da Educação e, especificamente, na Formação de Professores, em publicações e

conferências que têm tematizado a ação e a formação docente em tempos de incertezas. Alguns desses estudiosos, como veremos mais adiante, nos instigam a falar tanto sobre os impactos da pandemia em nossas aulas e cursos, como, ao mesmo tempo, nos convocam à ação, com a proposição de novos formatos e possibilidades de fazer educação musical. Ao pensarmos com esses autores e a partir deles, reafirmamos que os estágios supervisionados em música, ainda que estejam sendo realizados de modo remoto, não podem perder de vista que o seu lugar de acontecimento privilegiado é na escola. Defendemos a escola pública como um lugar de convergência de saberes, um espaço de construção de conhecimento e promotor da autonomia e da participação cidadã.

Uma aventura incerta

Como professoras, fomos confrontadas com a “incerteza do real”, um dos sete saberes necessários à educação do futuro, conforme postulado por Morin (2000). O antropólogo, sociólogo e filósofo francês afirma que a realidade não é outra coisa senão a nossa ideia de realidade e, por isso, “importa não ser realista no sentido trivial (adaptar-se ao imediato), nem irrealista no sentido apontado (subtrair-se às limitações da realidade); importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda invisível ao real” (p. 85).

A interpretação que tínhamos [e temos] da realidade no contexto da pandemia era que se, por um lado, as instituições ficariam fechadas por um longo tempo, por outro, como educadoras, não poderíamos ficar paradas e indecisas, deixando a ação docente distanciada dos estudantes. Era possível fazer algo, entretanto, qualquer decisão seria uma aposta e, como diz Morin (2000, p. 86), “na noção de aposta há a consciência do risco e da incerteza”. Apostamos que os licenciandos poderiam realizar seus estágios curriculares supervisionados de modo não presencial acompanhando professores de música que atuam em escolas públicas de educação básica, em suas árduas tarefas de planejar aulas e atividades por meio de mecanismos digitais.

Essa ação intencional e esse compromisso com as práticas implicou em cautela, uma vez que, inicialmente, era um interesse da equipe de estágio do Departamento de Música, sem estar associado ao interesse coletivo da universidade que, por sua vez, aguardava

orientações dos órgãos nacionais e regionais. A base legal era necessária para apoiar a “ecologia da ação” (MORIN, 2000, p. 87) e, portanto, foram considerados os seguintes documentos: Portaria MEC Nº 544, de 16 de junho de 2020²; Parecer CNE/CP Nº 5/2020³ e Resoluções estaduais e da Universidade. De acordo com Morin, a ecologia da ação “é levar em consideração a complexidade que ela supõe, ou seja, o aleatório, acaso, iniciativa, decisão, inesperado, imprevisto, consciência de derivas e transformações” (p. 87).

Ponderando sobre a precaução dessa ação – possibilidade de realizar os estágios curriculares supervisionados de modo não presencial, consultamos: secretarias municipais e estaduais de educação, professores de música de escolas públicas, regentes corais e outros profissionais que acompanham estágios realizados em espaços comunitários. Ademais, também trocamos ideias com professores orientadores de estágio das áreas de música, teatro e artes visuais de outras universidades. O risco e a precaução compreendem o primeiro princípio da incerteza, pois, conforme explica Morin (2000, p. 88), apesar de ser contraditório, trata-se de poder unir essa dupla necessidade. O nosso compromisso, como professoras formadoras, continua sendo o exercício da ética tal como proposto por Nóvoa (2020), na promoção de diálogos entre universidade e escolas, professores e gestores, professores e pesquisadores e entre os responsáveis pelas políticas públicas.

Estamos cientes de que essa situação emergencial está longe de ser a solução ideal para a realização de estágios no contexto educacional e não temos certeza sobre as consequências dessa decisão em tempos de pandemia. Nesse sentido, o princípio da incerteza do fim e dos meios, proposto por Morin (2000, p. 88), nos faz refletir. O autor esclarece que “como os meios e os fins inter-retro-agem uns com os outros, é quase inevitável que meios sórdidos a serviço de fins nobres pervertam estes e terminem por substituí-los” (p. 88). Entretanto, continua o autor, não há nenhuma garantia de que a “pureza dos meios conduza aos fins desejados, nem que sua impureza seja necessariamente nefasta” (p. 88).

² “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020.”

³ “Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia COVID-19.”

Com isso, queremos dizer que a escola física é indispensável para os alunos, os professores são indispensáveis, assim como o ato pedagógico e as relações humanas. Quando nos referimos à escola incluímos também a universidade como “um meio sem um fim e um veículo sem um destino determinado [...] um lugar que compreende todas as direções (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015, p.37). Nessa perspectiva, concordamos plenamente com Nóvoa (2020) quando se expressa de modo imperativo: “Esqueçam todas as ilusões, todas as miragens que vos poderiam levar a transformar a educação num ato digital ou num ato à distância. Isso não existe. A escola é central e os professores são centrais.”

A aposta agora recai sobre a experiência e os resultados dos estágios curriculares supervisionados que estão sendo levados a cabo por uma pedagogia própria. Os licenciandos, em um primeiro momento, mostraram-se indecisos, confusos e até mesmo descrentes. Conversas, aulas sobre possibilidades do ensino à distância já existente há muitos anos, depoimentos dos próprios estudantes sobre suas aulas online de instrumento e depoimentos de profissionais da educação que estão trabalhando há meses remotamente auxiliou no processo de aceitação dessa alternativa. É importante destacar que o terceiro princípio da ecologia da ação é “o jogo das inter-retro-ações do meio” (MORIN, 2000, p. 88), ou seja, o processo está em andamento e não há controle sobre essa ação, uma vez que “a ação escapa à vontade de seu autor” (p. 88).

Talvez seja possível pensar nos efeitos desses estágios em curto prazo, mas seus efeitos a longo prazo são imprevisíveis. Este é o primeiro semestre e estamos semanalmente avaliando essa estratégia, pois a realidade é complexa e, por isso, passível de modificações em função dos imprevistos, das probabilidades e das improbabilidades. Como afirma Morin (2000, p. 91) “é na estratégia que se apresenta sempre de maneira singular, em função do contexto e em virtude do próprio desenvolvimento, o problema da dialógica entre fins e meios”. O que parecia impossível – estágios não presenciais, tornou-se possível, contudo, seguindo a sabedoria do filósofo francês, estamos preparadas para “esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável” (p. 92).

Estágios não presenciais

Os Estágios Curriculares Supervisionados na universidade onde atuamos são

oferecidos nos dois últimos anos do curso e seguem a seguinte dinâmica: no primeiro ano acontecem em espaços de ensino e aprendizagem não escolares – como corais, bandas, projetos sociais em bairros comunitários, hospitais e estúdios e, no segundo ano, no contexto escolar. Entretanto, há certa flexibilidade para a escolha dos campos, uma vez que estudantes matriculados nos Estágios I e II podem optar por realizar o estágio em escolas de educação básica.

Neste primeiro semestre, essa opção tornou-se uma possibilidade maior, pois grande parte dos campos não escolares não deram continuidade às suas atividades, desde sua interrupção em março de 2020. Também foi esse o caso dos estágios que seriam desenvolvidos na etapa da educação infantil. O foco, para esta comunicação, incidirá sobre as práticas no contexto escolar. Do total de 28 estagiários matriculados nos Estágios I e II, 19 estão trabalhando com professores de música: onze, em turmas do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental de quatro escolas públicas, municipais e federais, de educação básica, e oito em turmas de ensino médio do Instituto Federal. É importante ressaltar que os estágios estão sendo realizados individualmente ou em dupla.

Propusemos e construímos conjuntamente, enquanto equipe, um projeto unificado de estágio curricular docente, que chamamos de Proposta de Trabalho. Essa proposta foi pensada em consonância com o que Narodowsky (2020)⁴ nomeou como uma “pedagogia do contra isolamento”, que é o oposto do isolamento e que busca o estabelecimento de “sentidos profundos que nos unem através do conhecimento e do encontro que, embora remotos e mediados, nos permitem reconstruir a relação pedagógica que perdemos”. Apesar das limitações impostas pela ausência dos encontros dos estagiários com crianças e jovens em cada uma das escolas, pensamos que os primeiros teriam diante de si uma nova aprendizagem: a de atuarem junto a professores, de forma recíproca e colaborativa, para manter a escola pública viva.

A dinâmica no planejamento das atividades é praticamente a mesma em todos os campos: gravação de vídeos e áudios, e elaboração de materiais didáticos digitais. Os professores de música das escolas públicas de educação básica postam as atividades, semanalmente, em plataformas específicas de ensino. Duas dessas escolas promovem aulas

⁴ Artigo disponível no blog do projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil. Texto original em espanhol. Tradução com o apoio de Tania Gi.

e atividades síncronas uma vez por semana, com duração de 40 minutos. O professor do Instituto Federal comunica-se com alunos de diversas turmas por *WhatsApp* e por meio de encontros quinzenais, ou seja, são desenvolvidas atividades assíncronas e síncronas.

O planejamento dos estagiários é acompanhado pelos professores das disciplinas, pelos orientadores e supervisores. As orientações semanais de cerca de 1 hora de duração são realizadas de modo remoto por meio da plataforma de reuniões *Google Meet*. Os orientadores criaram grupos por campo de estágio no aplicativo *WhatsApp*, para facilitar a comunicação entre todos, incluindo os professores supervisores. Portanto, as orientações, além de ocorrerem de forma individual e em duplas, podem também ser realizadas com o grupo de estagiários que se encontra no mesmo campo de estágio e, conseqüentemente, têm o mesmo professor supervisor.

Ações paralelas têm sido oferecidas aos estagiários visando dar suporte pedagógico para esse diferente modo de aprender e ensinar. São elas: professores convidados relataram como estão trabalhando de modo remoto; sites de escolas que disponibilizam atividades para consulta e análise foram indicados; a universidade ofereceu curso de *moodle* para os acadêmicos e uma das escolas incluiu os estagiários no curso da plataforma direcionada aos professores da instituição; e, um estudante de mestrado com formação em audiovisual está, voluntariamente, orientando como realizar gravação e edição de vídeos.

Outrossim, um grupo de pesquisa da universidade ofereceu um curso de formação para professores de educação básica para desenvolver processos colaborativos no planejamento de projetos criativo-musicais frente aos desafios impostos pela suspensão das aulas presenciais. Dois estagiários estão realizando o curso juntamente com a professora de música da escola, na qual estão desenvolvendo seus estágios. O resultado do trabalho foi apresentado em um encontro virtual aberto ao público e os estagiários foram convidados a assistir.

Vale destacar, ainda, a criação de material didático e a organização de recitais didáticos por grupos de estagiários. O desafio proposto foi o de pensar e preparar um recital para além daquele dado à apresentação formal de uma obra musical para uma plateia (Ver EKEDAHL; MATEIRO, 2015). A dificuldade agora parece ainda maior porque sendo o recital gravado em vídeo e disponibilizado no *youtube*, não haverá essa tradicional plateia. De

qualquer modo, é possível ultrapassar a atitude da escuta passiva porque a natureza é pedagógica e aproximadora. Os estagiários ficarão online em data e hora marcada para, após o vídeo, conversar com quem assistiu. Esta atividade está prevista para final de setembro deste ano.

Do espaço escolar à tela ubíqua

O espaço físico das escolas tem sido o lugar no qual acontecem os processos educativos dos quais participam, essencialmente, professores e estudantes, lugar de construção de conhecimento mediado pelos encontros. Com o distanciamento social provocado pela emergência de um vírus de alta transmissão e letalidade, esse espaço teve que ser reconstruído ao migrar de um lugar físico comum, de convívio cotidiano, para os espaços privados das casas. Para fazer essa mudança necessária à manutenção da continuidade pedagógica possível, tivemos que recorrer a artifícios tecnológicos que já tínhamos à disposição na universidade: a plataforma de apoio à ação pedagógica docente. Do lugar de um dos recursos de ensino, as salas virtuais abrigadas em plataformas de ensino se converteram no espaço para a manutenção da relação pedagógica entre professores e estudantes.

Ao se transformarem no modo possível para a continuidade das aulas e cursos na universidade, essas plataformas de ensino mostraram suas limitações mais do que suas possibilidades. Resultante de um processo de implementação de políticas de acesso e manutenção de estudantes de baixa renda na universidade, garantido por meio de salas de estudo, laboratórios, restaurante universitário e outros espaços que foram fechados em razão da pandemia, tudo isso teve como consequência imediata o rompimento dessas condições de estudo desses estudantes, com a transferência das salas de aula físicas para as salas virtuais de suas casas. A nova situação acentuou aquilo que já sabíamos: que somos um país de grandes desigualdades.

No caso das disciplinas Estágio Curricular Supervisionado, a condição descrita se agudizou porque a maioria de estudantes dessas disciplinas estavam começando seus estágios em escolas da educação básica, em instituições pertencentes a redes públicas de ensino. Nessas, o impacto provocado pelo distanciamento social ficou também evidenciado

porque crianças e jovens dessas redes de educação pública têm mostrado dificuldades e falta de condições materiais que impedem seu acesso às aulas e atividades que têm sido transmitidas de modo remoto.

Os múltiplos desafios elencados se instalaram no nosso trabalho de professoras das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado em Música, junto à equipe de professores que compõe esse conjunto disciplinar, que envolve também as orientações de estagiários em seus diversos campos. Como transformar o que era anteriormente um recurso eventual de apoio à ação docente em veículo principal para a continuidade dessas disciplinas, sabendo que essas dependem de campos de atuação para os estudantes que, nessa nova realidade, deixaram de existir presencialmente? Ou seja, o contato com crianças e jovens, nessa nova situação, não seria mais possível.

Ao buscarmos alternativas de ação e referências para nos ajudar a pensar caminhos, nos apoiamos nas afirmações de Nóvoa (2020)⁵ para seguirmos em frente: “as universidades e nós, professores, não podemos ficar parados, indecisos e sem saber o que fazer em tempos como esses que estamos vivendo.” Nessa fala, o autor reafirma a importância do nosso papel nesse momento e nos convida ao exercício da criatividade para buscar soluções e da ética, do compromisso que temos com as práticas e com tudo aquilo que já dizíamos antes da pandemia: “fazer das universidades o lugar de construção de conhecimento, lugar de diálogos entre a universidade e as escolas, entre professores, entre professores e gestores, entre pesquisadores, e desses com os responsáveis pelas políticas públicas, municipais e estaduais” (NÓVOA, 2020).

Escolas antes e depois da pandemia

Três dimensões do modelo que temos hoje de escola e que a pandemia veio a confirmar o que já sabíamos, são discutidas por Nóvoa e Alvim (2020). Primeiro, não faz mais sentido manter o contrato social que atribui a responsabilidade da educação das crianças somente para a escola. É preciso reconhecer os processos educacionais dentro e fora do contexto escolar, por meios formais e informais, o que os autores denominam de “capilaridade educacional” (p. 5). Concordamos que a educação vai muito além da realidade

⁵ Transcrição livre extraída da web conferência, promovida pela Secretaria de Educação de Santa Catarina e o Instituto lung, realizada no dia 23/06/2020.

escolar, entretanto, é essencial que ao pensar na escola pós-pandêmica se busque um sentido preciso para ela. Como perguntam Masschelein e Simons (2015, p. 87): “Qual é o propósito da escola?”

Na segunda dimensão, Nóvoa e Alvim, refletem sobre a necessidade de transformar a estrutura organizacional da escola fundamentada na lógica de: salas de aula e outros espaços que delimitam a circulação, mobiliário escolar, controle do tempo, papel dos professores, currículos e avaliação da aprendizagem, alunos agrupados por nível etário, recreio, tarefas e disciplinas. Desde a LDB de 1996 novas formas de organização escolar são possíveis e, assim, já temos no Brasil as chamadas escolas democráticas⁶ – livres, alternativas, progressistas (SINGER, 2008).

Essas escolas apresentam características bastante semelhantes às apontadas por Nóvoa e Alvim como: ambientes acolhedores onde seja possível o estudo individual e em grupo; projetos coletivos e colaborativos, presenciais e não presenciais; relações não hierárquicas entre estudantes e educadores; acompanhamento de docentes; discussões com um ou mais professores no desenvolvimento de projetos de pesquisa. Destacamos também o trabalho desenvolvido por José Pacheco na célebre Escola da Ponte em Portugal e em algumas escolas brasileiras. O professor há muitos anos defende escolas sem horários, turmas, anos, testes, exames e reprovações (PACHECO, 2012; 2014).

O foco no estudo é a terceira dimensão apresentada por Nóvoa e Alvim (2020). São necessárias “pedagogias que valorizem a diversidade de métodos e modalidades de estudo e trabalho” (p. 5), que ultrapassem a ideia de assistir a uma aula. É essencial substituir a atitude passiva de alunos sentados nas “carteiras escolares” para um lugar de pesquisa ativa para o conhecimento. Ação colaborativa e autonomia na produção de conhecimento pedagógico e curricular são dois aspectos cruciais para os professores. Os autores sublinham:

As melhores respostas à pandemia foram o resultado da colaboração entre grupos de professores, da mesma escola e de diferentes escolas, que puderam apresentar ideias e projetos inovadores, mantendo articulação com os alunos e conseguindo mantê-los mobilizados do ponto de vista de conhecimento, aprendizagem e educação (NÓVOA; ALVIM, 2020, p. 5).

⁶ Ver livros de Helena Singer: Territórios Educativos, Experiências em Diálogo com o Bairro Escola, vol. 1 e 2.

Contudo, vale ressaltar que o que propusemos foram respostas a uma situação emergencial para suprir, principalmente, a crise sanitária. O isolamento social, a aprendizagem ubíqua, o trabalho remoto, a casa em lugar da escola, a distribuição social da tecnologia e as estabelecidas desigualdades são contrários à autonomia das escolas, ao profissionalismo dos professores e à dimensão pública da educação. Assim como Nóvoa e Alvim (2020), reafirmamos que essas medidas imediatas, como o solucionismo tecnológico para a realização dos estágios curriculares supervisionados não podem servir de pretexto para estabelecer uma nova norma educacional. Parafraseando Nóvoa (2020), “são soluções frágeis, porém necessárias”.

Considerações finais

O estágio curricular supervisionado é etapa central em importância na formação de licenciandos em música e, sem dúvida alguma, em qualquer outra licenciatura. É o momento em que os conhecimentos musicais e pedagógicos são movimentados, colocados em ação e se constituem em temáticas de reflexões para professores e estudantes. Orientados individualmente ou em duplas, e apoiados por disciplinas nas quais grupos de estagiários se encontram para pensar as questões docentes e discutir as especificidades de cada campo de atuação, o estágio supervisionado assume sua vertente formativa e reflexiva tão cara à formação acadêmico-profissional em música.

Se as incertezas nos tomaram de assalto quando propusemos a retomada dos estágios curriculares supervisionados em música de modo remoto, reconhecê-las foi o primeiro e importante passo para não ficarmos paralisadas por termos perdido a linha tênue de nossas certezas fundadas em um fazer escola que não era mais possível. Para seguirmos em frente foi essencial nos debruçarmos no planejamento e na proposição de um projeto de estágio para ser desenvolvido no aqui e agora para enfrentar essa aventura incerta. Ao ser preparada, essa proposta buscou a flexibilidade necessária para que os licenciandos pudessem lidar à distância com os distintos contextos marcados pelas desigualdades sociais com os quais a escola pública tem se deparado e que agora, com a pandemia, ficou ainda mais evidenciado.

Nas escolhas feitas para dar prosseguimento aos estágios curriculares

supervisionados, não ficou de fora o nosso compromisso de devolvermos à escola pública de educação básica o conhecimento que temos construído na universidade e, principalmente, no campo da educação musical. Nosso compromisso é também de natureza ética porque reafirmamos que a escola e a universidade, pública e gratuita, é direito fundamental das crianças e dos jovens brasileiros, lugares nos quais se constrói a participação cidadã.

Com isso, este relato de experiência não finaliza trazendo resultados, mas abrindo um espaço importante de discussão acerca da importância de trabalhos colaborativos como esse que estamos desenvolvendo no trânsito entre universidade e escolas. Por isso, escolhemos o risco de pensar e propor esse caminho porque acreditamos que o momento também é formativo para os estagiários, pois eles serão os professores que, no futuro, talvez tenham que ser criativos e propositivos para dar continuidade às relações com seus próprios alunos em momentos tais como esse.

No desenrolar desse caminho, a música e suas práticas ganham significados renovados em encontros que, ainda que feitos à distância física, possibilitam que os estagiários se formem professores nesse novo processo de partilha de saberes e fazeres musicais com professores supervisores, e desses com suas crianças e jovens. Ao planejar modos de aprender música enquanto a fazem e escutam, esses encontros também contribuem para deixar menos angustiante um momento como esse que estamos vivendo, de desafios diários marcados pelas incertezas.

Referências

EKEDAHL, Per; MATEIRO, Teresa. Motivations and intentions to carry out didactic concerts for children. *Perspectives*, v. 10, p. 4-8-8, 2015.

MASSCHELIEN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola*. Uma questão pública. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NARODOWSKY, Mariano. *11 teses urgentes para uma pedagogia do contra-isolamento*. Pensar a educação, Pensar o Brasil, UFMG (blog do projeto). Belo Horizonte, 06/05/2020. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/onze-teses-urgentes-para-uma-pedagogia-do-contra-isolamento/>. Acesso em: 03/06/2020.

NÓVOA, Antonio. *Formação de professores em tempo de pandemia*. (web conferência).

Instituto Iungo, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/InstitutoIungo/videos>
Acesso em: 23/06/2020.

NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara. Nothing is new, but everything has changed: A viewpoint on the future school. *PROSPECTS*, p. 1–7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11125-020-09487-w>. Acesso em 17/07/2020.

PACHECO, José. *Escola da ponte: formação e transformação da educação*. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

_____. *Dicionário de valores*. São Paulo: Edições SM, 2012.

SINGER, Helena. *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*, v.1 e v. 2. São Paulo: Moderna, 2015.

SINGER, Helena. *Gestão democrática do conhecimento: sobre propostas transformadoras da estrutura escolar e suas implicações nas trajetórias dos estudantes*. Relatório de pós-doutoramento, 2018. Disponível em https://www.academia.edu/30667612/A_GEST%C3%83O_DEMOCR%C3%81TICA_DO_CONHECIMENTO SOBRE PROPOSTAS TRANSFORMADORAS DA ESTRUTURA ESCOLAR E SUAS IMPLICA%C3%87%C3%95ES NAS TRAJET%C3%93RIAS DOS ESTUDANTES. Acesso em: 06/02/2020.